

A REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA DA VIBRANTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Daiane Sandra Savoldi Curioletti
Marcia Meurer Sandri

Submetido em 09 de maio de 2019.

Aceito para publicação em 23 de setembro de 2019.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 59, outubro. p. 149-168.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Terça-feira, 29 de outubro de 2019.

A REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA DA VIBRANTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE PHONOLOGICAL REPRESENTATION OF THE VIBRANT IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Daiane Sandra Savoldi Curioletti*
Marcia Meurer Sandri**

RESUMO: Este texto trata do status fonológico da vibrante com base nas teorias estruturalista e gerativista, sob a ótica da sociolinguística. Abaurre e Sandalo (2003), conforme Câmara Jr. (1953), postulam ser a vibrante múltipla [r̃], já Lopez (1979) e Monaretto (1997) destacam ser o tepe [r]. Câmara Jr. (1984), em revisão teórica, defende a existência de dois fonemas na subjacência, um r-fraco e um r-forte. Monaretto (1997) destaca que falantes de variedades do português interpretam o tepe [r] e a múltipla [r̃] como sendo parte da mesma unidade fonológica. Pressupõem-se a existência da vibrante múltipla [r̃] na estrutura subjacente do português brasileiro, pois permite derivar todas as formas variantes de maneira simples, natural e com poder de previsão (ABAURRE; SANDALO, 2003).

PALAVRAS-CHAVE: status fonológico da vibrante; estruturalismo; gerativismo; sociolinguística.

ABSTRACT: This work investigates the phonological status of the vibrant based on the structuralist and gerativist theories, from the sociolinguistic perspective. Abaurre and Sandalo (2003) and Câmara Jr. (1953), postulate to be the vibrant multiple [r̃], while Lopez (1979) and Monaretto (1997) defend the tepe [r]. Câmara Jr. (1984) argues for the existence of two phonemes in the underlying of the vibrant, a weak and a strong /r/. Monaretto (1997) explains Brazilians speakers interpret the tepe [r] and the multiple [r̃] as being part of the same phonological unit. The multiple vibrant [r̃] in the underlying structure of Brazilian Portuguese is assumed, since it allows to derive all the variant forms in a simple, natural and predictive way (ABAURRE; SANDALO, 2003).

KEYWORDS: phonological status of the vibrant; structuralism; gerativism; sociolinguistics.

1 Introdução

O tema deste estudo é a representação fonológica da vibrante no português brasileiro, doravante PB. Em uma perspectiva sociolinguística são discutidos princípios e fundamentos estruturalistas e gerativistas sobre o *status* fonológico da vibrante como forma subjacente do PB, bem como são atribuídas as realizações de prestígio e estigma desse fonema (CALLOU; LEITE, 1994).

Com base estruturalista, Câmara Jr. (1977) postula a existência de dois fonemas vibrantes na subjacência do PB, a vibrante forte e a fraca: “Acho preferível [...] aceitar a idiossincrasia do consonantismo português em reconhecer duas vibrantes, que só se opõem em posição intervocálica, com neutralização em outras posições [...]” (CÂMARA JR., 1977, p. 79). Isso porque, na primeira edição de 1953, segundo o autor, “ensaiei resolver a incongruência com só considerar a existência de um fonema /r/, o

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, daicurioletti@gmail.com.

** Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, smmarcia@hotmail.com.

forte, e interpretar o brando como uma variante posicional enfraquecida intervocálica [...] era preciso provar que em /r/ forte intervocálico há na realidade uma geminação consonântica” (CÂMARA JR., 1977, p. 79). A posição de Câmara Jr. (1953) sobre a vibrante forte como fonema subjacente é corroborada por Abaurre e Sandalo (2003) que, com base nos critérios de análise da teoria gerativa, postulam a existência de uma única forma subjacente da qual se derivam as demais. Lopez (1979) e Monaretto (1997) também defendem a existência de somente um fonema na subjacência do PB, que não seria a vibrante múltipla [r̃] e, sim, o tepe [r].

Do ponto de vista sociolinguístico, em comunidades de ítalo e teuto-brasileiros, a vibrante fraca ou tepe [r] e a vibrante forte ou múltipla [r̃] são realizadas alternadamente de forma a serem interpretadas como parte da mesma unidade fonológica (SPESSATO, 2003; KRUG, 2004; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). No sul do país, onde se concentra grande parte desses falantes, a vibrante nas realizações de r-fraco e r-forte, é bastante frequente (MONARETTO, 1997). As pesquisas mais abrangentes sobre a vibrante, por sua vez, apontam que está ocorrendo uma mudança de articulação de vibrante para fricativa. Esse processo parece estar associado ao prestígio que a fricativa vem ganhando frente à realização vibrante (CALLOU; LEITE, 1994). O fenômeno determinaria uma reestruturação do sistema consonântico do PB, que passaria a apresentar uma oposição de ordem mais qualitativa (vibrante anterior *versus* vibrante posterior) do que quantitativa (quantidade de vibrações) (CÂMARA JR., 1984; CALLOU; LEITE, 1994).

Sendo assim, o objetivo deste estudo é investigar e descrever o *status* da vibrante no PB e verificar se é possível admitir um fonema vibrante na subjacência ao qual se relacionariam o tepe [r] e a vibrante múltipla [r̃]. Dessa forma, leva-se em conta o contraste intervocálico e vários alofones, como também os fatores sociais que desencadeiam/desencadearam as diferentes realizações fonético-fonológicas para a vibrante.

Na perspectiva acústico-articulatória, segundo Monaretto (1997), o som vibrante ocorre por pequenas oclusões realizadas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. A ponta ou o dorso da língua coordenam movimentos de vibração contra a arcada dentária superior, alvéolos ou ainda contra o véu palatino. Quando a língua bate por várias vezes nos alvéolos ou arcada dentária, ocasiona o som da vibrante múltipla [r̃], e ao realizar somente uma batida em um desses articuladores passivos, dá lugar ao som do tepe [r]. Há também o som retroflexo, em que a ponta da língua se levanta e se encurva em direção à região palato-alveolar ou mesmo palatal. Se a língua não fechar por completo a passagem de ar, faz desaparecer a vibração e ocorre um som fricativo ou aspirado (MONARETTO, 1997, p. 3). As articulações fricativas, aspiradas e a vibrante múltipla [r̃] caracterizam o r-forte (MALMBERG, 1954, p. 82).

A vibrante apresenta as seguintes realizações no PB: vibrante múltipla alveolar [r̃], tepe alveolar vozeado [r], fricativa velar desvozeada [x], fricativa velar vozeada [ɣ], fricativa glotal vozeada [ɦ], fricativa glotal desvozeada [h] e ainda retroflexa alveolar vozeada [ɹ], conforme a classificação de Silva (2012)¹. O tepe alveolar [r] é geralmente uniforme em contextos como (prato/caro), o r-forte pode variar consideravelmente em início de palavra (rápido), posição intervocálica (carro), final de palavra (mar) e início de sílaba precedido por consoante (honra). Em limite de sílaba, depende da consoante

¹ Os símbolos fonéticos utilizados neste texto seguem o padrão do PB em SILVA (2012, p. 41), de acordo com a tabela do IPA da Associação Internacional de Fonética (versão revisada em 1993 e atualizada em 1996).

seguinte: os segmentos [y] e [ɸ] realizam-se antes de consoantes vozeadas (corda, carbono) e os segmentos [x] e [h] antes de consoantes desvozeadas (corpo, garfo) (SILVA, 2012).

O contexto de contraste fonêmico evidencia interesse para esta pesquisa, pois fica restrito ao contexto intervocálico, onde são formados pares mínimos como, por exemplo, (caro/carro); (careta/carreta); (moro/morro) (CALLOU; LEITE, 1994). A realização fonética da vibrante tem apresentado alteração de pontos e modos de articulação de acordo com os contextos e variedades linguísticas faladas. A presença de vários alofones para um mesmo fonema tem dificultado a possibilidade de encontrar uma única propriedade articulatória que unifica esta classe (LADEFOGED; MADDIESON, 2013, p. 244-245). Em suma, há hipóteses de que existe no sistema consonantal do PB apenas uma vibrante, e ainda há estudos que afirmam a existência de dois fonemas diferentes: a vibrante simples [r] e a vibrante múltipla [r̃]. Frente ao exposto, levanta-se a situação problema: qual é o fonema subjacente da vibrante no PB? Vibrante múltipla [r̃] ou outro segmento?

O texto está estruturado em três partes principais, iniciando-se com uma breve introdução sobre a vibrante; a seguir, na parte 2, é feita uma descrição da representação fonêmica desse fonema. Na seção 2.1, discorre-se acerca da distribuição da vibrante com base na teoria de traços, bem como através da hierarquia de sonoridade de Hayes (2009) e da escala de sonoridade apresentada por Bonet e Mascaró (1996). As teorias dão conta de que se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba, valendo-se de que elementos dentro do ataque ou da coda apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo (COLLISCHONN, 2014, p. 109). Na seção 2.2, são apresentados alguns estudos da vibrante em variedades regionais do PB, com destaque para a região Sul do Brasil. Ao final, são apresentadas as considerações sobre as análises da subjacência da vibrante no PB.

2 Explorando a questão da representação fonêmica da vibrante

Estudos sobre a vibrante têm desencadeado muitas discussões no que se refere à representação fonológica, pois é um fonema que apresenta importante variação nas línguas do mundo. Ladefoged e Maddieson (2013, p. 215) afirmam que cerca de 75% de todas as línguas presentes no mundo apresentam algum alofone da vibrante. As diferenças articulatórias se manifestam segundo a posição que ocupa na palavra: pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica. A realização da vibrante envolve os contextos de início de palavra (rápido), início de sílaba precedido por consoante (honrado), em coda silábica (mar), em encontros consonantais (bravo) e contextos intervocálicos (carro/caro). Somente neste último contexto ocorre contraste de significado (MONARETTO, 2002, p. 254).

Conforme a teoria sociolinguística, qualquer realização variável é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos (TARALLO, 2007; LABOV, 2008). São exemplos de condicionadores linguísticos o contato entre os sons e a maior ou menor tonicidade das sílabas, e, de condicionadores sociais, a idade, a procedência geográfica, a ocupação, o grau de escolarização, entre outras características dos falantes (BATTISTI; MARTINS, 2011; CALLOU; MORAES; LEITE, 1996). Ao se levar em conta as variedades do PB faladas por sulistas, em especial por descendentes de

italianos e alemães, constata-se a realização do tepe [r] para os contextos de r-forte ou a inversão de r-forte para os contextos de tepe [r] como hipercorreção (SPESSATO, 2003; MARGOTTI, 2004; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011).

Segundo Câmara Jr. (1953), os elementos que têm mais de uma forma são chamados de variantes e são divididos em dois tipos: posicionais e livres. As variantes posicionais são condicionadas por aspectos linguísticos, pois assimilam traços com os sons vizinhos pela posição que se encontram na sílaba ou vocábulo, podendo ocorrer afrouxamento, ou até mesmo mudança de articulação, em virtude da posição em que o fonema se encontra; o fonema /t/, por exemplo, é condicionado pelo contexto fonológico, podendo ser realizado como [t] ou [tʃ]. Já as variantes livres, como é o caso do r-forte em posição intervocálica [x, h, ʀ], ocorrem independentes do contexto fonológico; ou seja, em qualquer situação haverá uma diferença articulatória e acústica (CÂMARA JR., 1953; SILVA, 2012, p. 141).

No que se refere ao *status* fonológico da vibrante, Câmara Jr. (1953), em sua tese de doutorado, afirma que existe um único fonema vibrante, que denomina vibrante forte. Dessa forma, explica que a vibrante simples é uma variante posicional enfraquecida, e, para justificar sua teoria, faz a oposição entre geminada e não geminada. A geminação do /r/ reduziu-se a uma vibrante forte em relação a uma vibrante fraca. Posteriormente, o autor revê sua posição e passa a afirmar a existência de dois fonemas que se opõem em contextos intervocálicos. Então, destaca que o r-forte (múltiplo, velar, uvular ou fricativo) é oposto ao tepe [r].

Em Câmara Jr. (1953) é feita uma analogia com o latim, em que existiam um /r/ simples e um geminado /rr/, pela união de duas consoantes com articulações idênticas, no intuito de estabelecer oposições como *ferum* (feroz) *versus ferrum* (ferro), *agger* (colina) *versus ager* (campo). O <s> também era duplicado devido à necessidade de representar diferentemente o som surdo (posse) do sonoro (casa) (CÂMARA JR., 1985, p. 49). Na era romana, as consoantes duplas foram simplificadas em todas as línguas românicas do ocidente e também no romeno; só não houve mudança no italiano e no sardo.

No português arcaico, o <r> era duplicado no início de palavras *rreyno*, *rrico* e em posição interna *onrra*, *enrrolado* (SAID ALI, 1964, p. 43). No português moderno, mantiveram-se duplicados somente /r/ e /s/ intervocálicos (MONARETTO, 1997, p. 191). Segundo Sequeira (1943), devido ao fato de não existir uma norma padrão até meados de 1536 a 1540, era comum que a língua apresentasse diferentes representações ortográficas. Há indícios de que a escrita do português arcaico era fonética; ou seja, era considerada uma transcrição aproximada da fala (MASSINI-CAGLIARI, 2015).

De acordo com Said Ali (1964), os dados escritos do passado são importantes ferramentas de estudo, pois auxiliam na busca de aspectos relativos à fonologia de uma língua em um recorte de tempo. A partir da fonologia moderna, é possível observar que as línguas se diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte da sílaba. Através do molde silábico, são levantadas hipóteses acerca da estrutura possível de sílabas numa determinada língua. Dessa forma, observa-se a existência de línguas que permitem apenas um segmento no ataque e outro na rima e, por outro lado, há línguas que permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e três segmentos na coda (COLLISCHONN, 2014, p. 105).

Conforme o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), não se admite a existência de segmentos idênticos adjacentes, ou até mesmo de segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação. De acordo com a hipótese de Abaurre e Sandalo

(2003, p. 148), /ʎ/, /ɲ/ e o r-forte não são fonemas, sendo os segmentos /ʎ/, /ɲ/ um reflexo da adjacência de elementos idênticos, já que a nasal palatal representa uma geminada lexical. Na teoria autosegmental, as geminadas se constituem por um segmento associado a duas posições esqueléticas ou a duas unidades temporais, isto é, uma unidade ramificada à coda, ou posição pós-vocálica da penúltima sílaba, e a outra ramificada ao *onset* da sílaba seguinte como, por exemplo, a consoante lateral palatal /ʎ/ na palavra *batalha* (SILVA, 2011, p. 125).

Desta forma, o r-forte entre vogais é geminado apenas na estrutura subjacente, pois, devido ao fenômeno fonológico de degeminação, se reduz a uma vibrante simples que se opõe a uma vibrante múltipla [r̃]. A situação corresponde à condição de estrutura silábica, conforme o OCP, em que consoantes com pontos idênticos adjacentes no PB sempre levam ao apagamento da primeira e à manutenção do traço [+ contínuo] da segunda, como em início de sílaba (*rápido*) e de palavra (*carro*) (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 171).

Nas palavras de Câmara Jr. (1953), o r-forte pode ocorrer em início absoluto ou em coda, e entre vogais somente na presença de geminadas como, por exemplo, em (*regular/ mar/ irregular*). Do contrário, sofre um processo de enfraquecimento que é entendido como a perda de um traço e, nesse caso, torna-se menos contínuo: (*mar/mar azul/maracanã*). Com base nesta teoria, Abaurre e Sandalo (2003, p. 152) destacam que a ocorrência de um tepe [r] no lugar da fricativa, em contextos de r-forte, torna-se agramatical. Monaretto (1997), ao citar Bonet e Mascaró (1996), ressalta que as sílabas iniciais favorecem segmentos de baixa sonoridade e, quando ocorrem sequências de elementos dentro do ataque e coda, estas irão apresentar sonoridade crescente na direção do núcleo (ver seção 2.1). As realizações da fricativa e da vibrante múltipla [r̃], portanto, parecem corresponder a essa teoria, pois se realizam nos contextos de r-forte e apresentam baixa sonoridade (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014, p. 218).

A sílaba no PB, ainda que apresente particularidades, tem um padrão binário constituído por ataque e rima, sendo que apenas a rima é obrigatória. A rima também pode ser constituída pelo padrão binário de núcleo e coda, sendo o núcleo constituído sempre de uma vogal e a coda de uma soante. Isto lembra o que Câmara Jr. (1984) apresentou como um platô, formado de um aclave, de um ápice e de um declive. No ataque podem se apresentar dois segmentos, dos quais o segundo é uma soante não nasal (BISOL, 2013). A constituição silábica do PB obedece à Lei do Contato Silábico em ataques complexos e nas sequências de duas consoantes entre sílabas, pois o segmento de coda da sílaba precedente apresenta um valor mais elevado na escala de sonoridade do que o primeiro segmento da sílaba seguinte, assim como o segundo segmento do ataque apresenta uma sonoridade mais próxima do núcleo (BISOL, 2013; KICKHÖFEL ALVES, 2017). Daí decorre a epêntese, que só se aplica em sequências não-homorgânicas, como em *capto* [kapitu], e não em geminadas subjacentes (*carro*) ou de superfície (*carta*) (MONARETTO, 1997, p. 188).

Para Lopez (1979, p. 56-64) e Monaretto (1997), há uma vibrante simples na estrutura subjacente do PB. Em posição intervocálica, segundo as autoras, ocorre a oposição fonológica entre o r-fraco e o r-forte, que é resultado de uma geminação de dois tepes [rr], valendo-se de que as produções de r-forte em começo de palavra e de sílaba são consequência de uma Regra de Reforçamento capaz de converter o tepe [r] em r-forte. Essa característica idiossincrática, de acordo com Monaretto (1997), seria típica das línguas ibéricas.

Para sustentar o tepe [r] como fonema subjacente do PB, Monaretto, Quednau e

Hora (2014, p. 215), com respaldo de Lopez (1979), destacam alguns exemplos: a) em (carro), a vibrante tem o mesmo contexto de (mar +es), ou seja v __v; b) a vibrante forte não assimila a sonoridade da consoante que segue como em (carga), que é pronunciada como uma fricativa velar surda [kaxga] ao invés de sonora, já em sibilante no final de sílaba ocorre assimilação de sonoridade (as casas [as kazas]; as borboletas [az borboletas]). Conforme se observa, ocorre assimilação com as consoantes fricativas, mas [x] não assimila, o que para Lopez (1979) é uma justificativa de ocorrência de tepe [r] para este contexto, sendo a vibrante forte um alofone do tepe /r/. A análise de Lopez (1979) é contestada por Abaurre e Sandalo (2003) pelo fato de que o r-forte realizado como fricativa não é necessariamente surdo. A justificativa encontra respaldo na análise acústica da palavra (carpa), pois a fricativa em coda assimila o traço da vogal precedente e somente perde a sonoridade na adjacência da oclusiva velar surda seguinte (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 174).

Os dados coletados por Monaretto (1997) com falantes da região Sul do Brasil revelam que não existe distribuição defectiva entre o tepe [r] e a vibrante múltipla [ř] tanto em zona bilíngue como monolíngue, excluindo-se, no entanto, o ataque complexo, onde tende a ocorrer o tepe [r]. Isso leva a autora a concluir que os falantes interpretam as duas vibrantes como variantes da mesma unidade fonológica. Desta forma, tendo em vista que o tepe [r] pode ocorrer em todos os contextos da vibrante na fala dos ítalo-brasileiros, sem dificultar a comunicação para estes falantes, pode-se pressupor que essa variante é a forma subjacente das variedades italianas, mas não do PB, pois se torna impossível derivar todos os alofones da vibrante obedecendo ao critério da simplicidade, na teoria de traços (ABAURRE; SANDALO, 2003), como se destaca, a seguir, na seção 2.1.

2.1 A distribuição da vibrante na teoria de traços e escalas de sonoridade.

Para explicar o problema da realização do tepe [r] entre vogais, Chomsky e Halle (1968, apud ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 160) ressaltam que o traço [contínuo] tem sido usado para diferenciar uma vibrante múltipla [ř] de um tepe [r]. Em concordância com Câmara Jr. (1953), Abaurre e Sandalo (2003) afirmam que a vibrante múltipla [ř] sofre um processo de enfraquecimento entre vogais, pois perde um traço – o de continuidade – e se transforma em tepe [r], passando a contar com a seguinte representação:

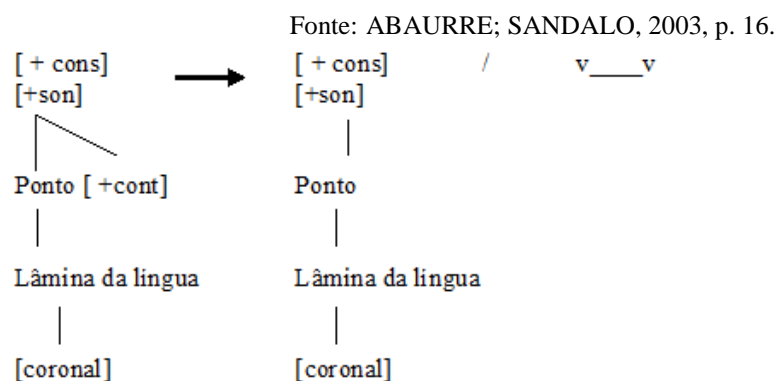
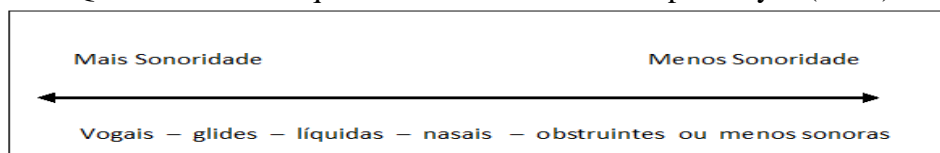


Figura 1 – Transformação da vibrante múltipla [r̥] em tepe [ɾ] nos termos da teoria de traços.

A evidência desta regra pode ser encontrada em (mar, mar azul) nas variedades linguísticas que pronunciam o r-forte como fricativa, por exemplo. Em coda, originalmente, temos um r-forte “que se realiza como um tepe [ɾ] ao se encontrar entre vogais em juntura de palavras” (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 161).

Em todas as línguas parece haver uma preferência para o uso de determinados sons, dependendo do contexto da sílaba (MONARETTO, QUEDNAU; HORA, 2014, p. 218). A partir dos trabalhos de Eduard Sievers, no século XIX², fonólogos têm buscado organizar os modos de articulação em uma hierarquia de sons que padronizam regras fonológicas. Observe, a seguir, no Quadro 1, a hierarquia de sonoridade referida por Hayes (2009, p. 75).

Quadro 1 – Hierarquia da Sonoridade referida por Hayes (2009)



Segundo exposto no Quadro 1, as oclusivas, fricativas e africadas são [- soantes] e todos os outros sons são [+ soantes]. As vogais são, portanto, os segmentos com maior soância, decrescendo até as obstruintes com soância zero. Toda sílaba tem um núcleo que é o segmento mais sonoro. Segmentos que formam os núcleos das sílabas são tidos como [+ silábicos] e os demais segmentos são tidos como [- silábicos] (HAYES, 2009, p. 75). De acordo com Clements (1990), Hayes (2009) ressalta que a sílaba preferida tem um crescimento máximo de soância do início para o núcleo e decresce minimamente do núcleo para a coda, pois encontra segmentos de progressiva diminuição de sonoridade.

Conforme Collischonn (2014, p. 109), as condições de ataque e coda são condições de boa formação. Assim, a sequência de segmentos *nt* de sonoridade

² Os primeiros linguistas chegavam a conclusões falhas em relação aos sons. Em 1876, Eduard Sievers publicou o livro *Grundzüge der Lautphysiologie (Fundamentos da Fisiologia Vocal)*, dando origem à fonética como uma disciplina separada da fisiologia e inserida na linguística (A MARAVILHOSA, 2012).

decrecente não pode constituir um ataque de sílaba, mas pode constituir uma coda, ao passo que a sequência *pr* pode estar presente em um ataque, mas nunca em coda. Em muitas línguas não são permitidas sequências de mesmo grau de sonoridade.

A condição de sequência de sonoridade permite silabar corretamente palavras (pas-ta, le-bre), mas não é o suficiente para excluir a silabação incorreta em (leb.re), uma vez que seria uma forma marcada e evitada, pois foge ao Princípio de Ciclo de Sonoridade, como previsto em Clements (1990) (COLLISCHONN, 2014). Para casos específicos do PB, poder-se-ia supor a existência de um filtro que exclui sílabas com oclusivas na coda. Na palavra (ritmo), **rit. mo* não satisfaz a posição de ataque e **ri. tmo* não satisfaz a posição de coda. A ocorrência de epêntese ajusta a palavra ao mecanismo CV e, como resultado, obtém-se (ri.ti.mo). Esse fenômeno ocorre também no acréscimo de palavras terminadas em /r, l/. Ex: pomar => pomars => po.ma.res. Em (ri.ti.mo) a epêntese não satisfaz os princípios normativos do PB, mas corresponde à Gramática Universal, pois tem a função de salvar elementos flutuantes (BISOL, 2013) e, frequentemente, ocorre em variedades do PB.

Monaretto (1997, p. 150) respalda-se em Bonet e Mascaró (1996), e explica o caso da distribuição da vibrante por meio de uma escala de sonoridade alternativa. Observe, na sequência, no Quadro 2, que o r-forte se coloca na mesma posição das fricativas e o r- fraco se anexa aos glides.

Quadro 2 – Distribuição da vibrante na escala de sonoridade alternativa

0	1	2	3	4	5
oclusivas	r-forte, fricativas	nasais	laterais	r-fraco, glides	vogais

Na escala referida por Hayes (2009), Quadro 1, a vibrante múltipla [ř] e o tepe [r] ocupam a posição de líquidas; para tanto, ocorreriam depois das nasais e antes dos glides. O r-forte como vibrante múltipla [ř], no Quadro 2, passa a igualar seu grau de sonoridade com as fricativas e, portanto, perde sonoridade; o tepe [r], por sua vez, ganha um pouco mais de sonoridade ao ocupar a mesma escala dos glides. Essa adaptação registra a redução da sonoridade dos alofones no r-forte [ř, x, h], fato que corresponde ao esperado em ataque de sílaba, quando a sonoridade deve ser menor.

Observe no Quadro 3, a seguir, a escala de soância da vibrante nos contextos de ataque complexo, início de sílaba e palavra e coda silábica. Os números de 0 a 5 vão da menor para a maior sonoridade, conforme o Quadro 2, com previsão do fonema subjacente como [r] e [ř] para cada caso.

Quadro 3 – Escala da soância da vibrante em diferentes contextos e posições silábicas

a) Escala de soância da vibrante em ataques complexos:	
[p r a - t o]	[p ř a - t o]
0 4 5 0 4	0 1 5 0 4
b) Escala de soância da vibrante em início de sílaba	
[ř a - t o]	[r a - t o]
1 5 0 4	4 5 0 5
[h oN - ř a]	[h oN - r a]
5 2 1 5	5 2 4 4
c) Escala de soância da vibrante em coda	
[p o ř t a]	[p o r - t a]
0 5 1 0 4	0 5 4 0 4
d) Escala de soância da vibrante em coda	
[m a ř]	[m a r]
2 5 1	2 5 4
e) Escala de soância da vibrante em contextos intervocálicos	
[k a - ř o]	[k a - r o]
0 5 1 4	0 5 4 4

Fonte: Adaptado de Bonet e Mascaró (1996)

O tepe [r] na posição de segunda consoante em ataques complexos, como em [prato], estaria de acordo com o princípio de soância, pois um r-forte violaria a distância mínima de soância que devem ter os elementos mais próximos ao núcleo. O fato é que a soância de um tepe [r] é maior do que a vibrante múltipla [ř] e menor do que o núcleo. Em b) o r-forte, no início de sílaba, está em conformidade com este contexto, pois deve haver um princípio abrupto de soância, fato que não ocorreria quando da ocorrência do tepe [r]. Nos dados de c) e d), a queda de sonoridade precisa ser gradual, priorizando-se, portanto, a ocorrência do tepe [r].

Em e), com base nos fundamentos de Bonet e Mascaró (1996), Monaretto (1997, p. 151-152) observa que no ambiente intervocálico como em (caro/carro) há uma desobediência ao Ciclo de Soância. O /r/ esperado em V__V é o r-forte, uma vez que se encontra em posição de ataque, onde se observa a preferência de um elemento com menor soância. Significa dizer que o tepe [r] encontra-se na posição em que há a previsão de ocorrer um r-forte. Nesta perspectiva, os pressupostos teóricos da hierarquia da sonoridade (Quadro 1), segundo Hayes (2009), em que se defende o tepe [r] como estrutura subjacente e a teoria do Quadro 2, pela Escala de Sonoridade de Bonet e Mascaró (1996), que postula a existência de dois fonemas para a vibrante, parecem não resolver o contraste intervocálico.

Por outro lado, se as regras previstas pelo OCP e pelo Ciclo de Soância mostram ser o r-forte a realização ideal entre vogais, parte-se do pressuposto de que a vibrante múltipla [ř] seja a estrutura subjacente da vibrante, uma vez que “existe uma sequência de dois erres subjacentes; ela apenas não se superficializa” (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 150). Para explicar a ocorrência do tepe [r] entre vogais, recorre-se ao fato de que a variante sofre um processo de enfraquecimento, como em (choro), por exemplo, e

quando geminado fonologicamente (carro) se realiza como r-forte (CÂMARA, JR., 1953, p. 110).

A questão do contraste intervocálico tende a ganhar um respaldo do modelo autossegmental, em virtude do OCP. Monaretto, Quednau e Hora (2014, p. 219), ao citarem Harris (1983, p. 68) e Monaretto (1997), defendem o tepe [r] como estrutura subjacente da vibrante. Dessa forma, ressaltam que a vibrante múltipla [r̃] funciona como geminada heterossilábica e na palavra (caro), por exemplo, o fonema de subjacência se superficializa; já em (carro), observa-se a existência de duas vibrantes fracas, sendo uma no final de sílaba e outra em posição inicial. As vibrantes juntas se transformam em r-forte, como exposto, a seguir, na Figura 2. Observe a representação do contraste das vibrantes nos casos a) e b):

Fonte: MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014, p. 219.

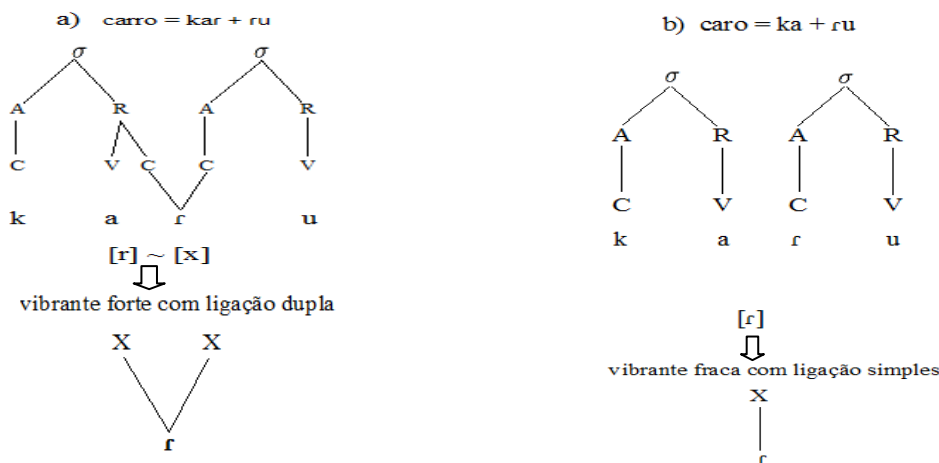


Figura 2 – O tepe [r] como estrutura subjacente da vibrante nos contextos intervocálicos.

Na Figura 2, caso a), existe uma vibrante fraca ligada a duas posições silábicas: uma em coda e outra em *onset*. Devido ao OCP proibir segmentos idênticos ligados a duas unidades de raiz, reduzem-se a somente uma vibrante com ligações duplas, o que indica que a vibrante forte ocupa duas posições temporais, que no nível de superfície é interpretado como vibrante múltipla ou fricativa [x]. Em b) a vibrante é fraca e caracterizada pela ramificação simples que apresenta. O valor contrastivo desses dois segmentos é o resultado de uma geminção, em que a) se opõe a b) (MONARETTO, QUEDNAU; HORA, 2014, p. 219).

Com base nessa argumentação, entende-se que o acento primário recaia na sílaba que é fechada (ou pesada) em palavras como (a-gár-ra), (em-púr-ra), (so-cór-ro), pois a primeira parte de uma geminada produz uma sílaba pesada. O fenômeno corresponde ao fato de que no PB é proibido pular a segunda sílaba pesada, como em (*ém-pur-ra), por exemplo (MONARETO, QUEDNAU; HORA, 2014 p. 219; MATEUS; D'ANDRADE, 2002).

Abaurre e Sandalo (2003, p. 175), de acordo com Mateus e d'Andrade (2002), destacam que o argumento da tonicidade de sílabas é importante para justificar a existência de apenas um fonema para a vibrante, mas não é conclusivo sobre qual é a variante, pois o fonema não tem especificação de ponto, conforme a Figura 3, a seguir.

Fonte: ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 75.

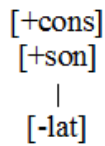


Figura 3 – Descrição da vibrante sem especificação de ponto na teoria de traços.

Para Abaurre e Sandalo (2003), esta constatação pode desencadear lacunas, pois, em cada variedade do PB, tende a acontecer a implementação de traços de pontos, adicionados inclusive em posição de coda, que favorece a perda de traços. Por outro lado, para derivar a fricativa glotal do PB, é preciso adicionar um ponto e depois desligá-lo, o que não se torna conveniente para explicar o fenômeno de *debutcalização*. Segundo Bybee e Beckner (2015, apud RENNICKE, 2016, p. 75) este fenômeno é caracterizado como “um tipo de redução gestual em que os gestos articulatórios supraglotais enfraquecem até restar apenas o gesto glotal, que no caso das fricativas é o fluxo de ar na glote”. Quanto à derivação da fricativa velar, pressupõe-se uma situação ainda mais complicada que propõe o desligamento do traço [+ sonorante], além da adição do ponto (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 176).

Nesta perspectiva, pressupõe-se a existência de um só fonema vibrante na estrutura subjacente do PB: a vibrante múltipla [r̃]. A hipótese leva em conta a teoria de traços, bem como o OCP que proíbe os segmentos idênticos na estrutura adjacente. Dessa forma, postula-se que o r-forte entre vogais é uma geminada apenas na estrutura subjacente, que se relaciona a um processo fonológico de degeminação (ABAURRE; SANDALO, 2003). De acordo com as autoras, “a diferença entre a perda do traço de continuidade que ocorre entre vogais e o que acontece em ataque ramificado está no fato de que a forma subjacente pode ser recuperada na situação de ênfase” (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 172).

Segundo Abaurre e Sandalo (2003, p. 149), a fricativa é derivada da vibrante múltipla [r̃], assim como são todas as demais variantes de /r/. Callou, Moraes e Leite (2013, p. 177) concluem que a realização da vibrante segue um processo de posteriorização (anterior para posterior) com eventual mudança de vibrante para fricativa. Viola (2006) destaca que o lugar de articulação, além da uvular, passa a realizar-se, também, como velar e glotal.

A posteriorização da vibrante pode ser mais bem explicada “em termos de simplificação articulatória de sons complexos do que por um processo de enfraquecimento mensurável por uma escala de sonoridade”, segundo Callou (2015, p. 59). Isso porque o enfraquecimento que ocorre em posição intervocálica e em final de palavra e sílaba é um aumento de sonoridade, ou seja, o acréscimo do traço vocálico [+ silábico] e conseqüente perda do traço consonantal [- silábico]. Na escala de sonoridade de Bonet e Mascaró (1996), o tepe [r] é mais sonoro do que a vibrante múltipla [r̃], uma vez que ocorre menos obstrução na cavidade oral. A representação da perda do traço de continuidade da obstrução na cavidade é representada abaixo, na Figura 4.

Fonte: ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 161.

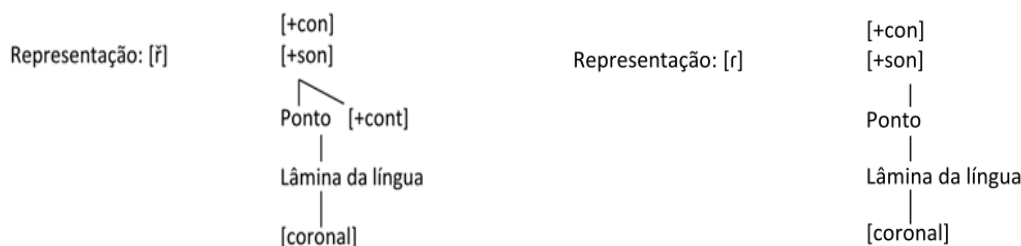


Figura 4 – Vibrante múltipla [r̃] para a vibrante simples ou tepe [r].

A vibrante múltipla [r̃] é mais consonantal por ser realizada na cavidade oral e ter o vozeamento espontâneo, tendo no seu ponto o traço mais contínuo [+cont] do levantamento da lâmina ou ponta da língua acima da posição neutra, que como articulador ativo se aproxima ou toca os articuladores passivos, dentes, alvéolos ou palato duro. Já a vibrante simples ou tepe [r], embora tenha todos esses traços da vibrante múltipla [r̃], tem o traço menos contínuo, pois a lâmina ou ponta da língua toca uma vez os articuladores passivos, sendo considerada, portanto, uma redução (ou bloqueio) do movimento articulatorio da vibrante múltipla [r̃]. O fenômeno ocorre devido ao condicionamento da língua para o imediato abaixamento da lâmina que favorece o movimento do dorso na sonoridade da vogal subsequente. O tepe [r] é tido como um alofone mais sonoro ou mais silábico, devido ao enfraquecimento de sua condição articulatória oral (ABAURRE; SANDALO, 2003).

Na mudança da vibrante múltipla [r̃] para fricativa, ocorre o processo de posteriorização da articulação pela fricção contínua do ar no véu palatino e na faringe. Observe a seguir, conforme a Figura 5, a última etapa dessa posteriorização, que é a debucalização. Trata-se da mudança de um ponto da cavidade oral para a articulação glotal.

Fonte: ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 164.

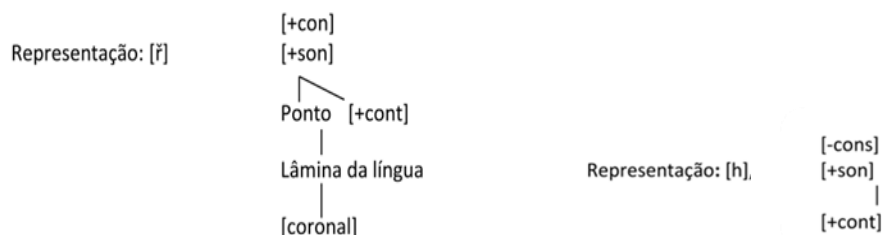


Figura 5 – Vibrante múltipla [r̃] para fricativas.

A debucalização parece assemelhar-se ao que ocorre na articulação vocálica, devido à redução da obstrução ou fricção da corrente de ar que é característico do traço menos consonantal. Na perspectiva estruturalista, o enfraquecimento da vibrante alveolar para fricativa é visto como um fenômeno de debucalização, devido à simplificação do movimento articulatorio, pela mudança do ponto de articulação de

supraglotal para glotal, que favorece o apagamento em coda (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 167). A simplificação articulatória ou realização posteriorizada do /r/ como vibrante uvular, fricativa velar ou glotal, segundo dados do NURC (Norma Urbana Culta), predomina no Rio de Janeiro, em Salvador e em Recife, com percentuais acima de 90%, enquanto que em São Paulo e em Porto Alegre se observa uma frequência de 3% a 4% (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013).

Na teoria de traços, postula-se que o enfraquecimento articulatório da vibrante múltipla alveolar [r̃] inicia-se pela redução do traço coronal (grau e local de constrição) nas bordas do fonema (*onset* e *offset*) para realizar o tepe [r]. Esse processo pode desencadear a posteriorização da vibrante alveolar até a debucalização. No contexto de coda, o enfraquecimento articulatório do fonema atinge seu processo final, podendo ocorrer apagamento, pois nas sílabas finais há uma tendência para esta simplificação articulatória no PB (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013).

Ao se levar em conta o enfraquecimento da vibrante, torna-se complexo defender a posição de Monaretto (1997), em que o tepe [r] seria a forma subjacente, pois o processo de enfraquecimento é irreversível no PB, porém sujeito à flutuação e à estabilidade em estágio específico. A realização do tepe [r] não avança para uma articulação debucalizada, pois se alternada para fricativa se tornaria agramatical em encontro consonantal (prato) e em contexto intervocálico (morar), bem como no plural de (mar +es) e derivativos, por exemplo. De acordo com a teoria dos traços, esta estabilidade na articulação da vibrante simples ou tepe pode estar relacionada à redução do modo de articulação [- contínuo], processo que não acontece com as demais variantes da vibrante múltipla [r̃]. A hipótese de Câmara Jr. (1985) também é refutada, uma vez que o fato de se considerar a existência de dois fonemas para a vibrante não responde o porquê de somente o tepe [r] ocorrer entre vogais (ABAURRE; SANDALO, 2003, p. 176).

Em suma, as representações dos traços fonológicos, aliados aos articuladores, descrevem as etapas de mudança de traços da vibrante múltipla [r̃] e representam as principais variantes da vibrante no PB, sendo algumas delas mais regionalizadas devido ao provável reflexo dos contatos linguísticos com outras línguas em cada região do Brasil, como destacado na seção 2.2, a seguir.

2.2 O que evidenciam os dados: o português de contato

Muitos são os trabalhos que descrevem o português de contato³, como variedade linguística regional do PB, destacando-se Spessato (2003), Frosi e Raso (2011), Margotti (2004) e Altenhofen (2004). De acordo com Monaretto (2009, p. 142), a vibrante no PB falada no sul do país tem sido descrita a partir do final do século XX e do início do XXI, com base na teoria variacionista de Labov (2008), como o VARSUL (Variação Linguística na Região Sul), e sob a luz do multilinguismo e da geolinguística, como o ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul).

A fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó (SC) é marcada por uma troca entre a vibrante múltipla alveolar [r̃] e o tepe alveolar [r], e pela presença de uma variante intermediária (SPESSATO, 2003, p. 45). Monaretto, Quednau e Hora (2014) e

³ Trata-se de uma variedade [do PB] falada tanto por bilíngues quanto monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato em uma determinada área (ALTENHOFEN; MARGOTTI, p. 297-298, 2011).

Monaretto (2002) apontam que nos contextos bilíngues, com destaque para comunidades do sul do Brasil, ocorre a realização do tepe [r] em todos os contextos das palavras. Dessa forma, o contato bilíngue desses falantes proporciona um contraste importante em contextos intervocálicos: parecem pronunciar (careta) em vez de (carreta), (caro) em vez de (carro); já nas situações em que ocorre o envolvimento emotivo, esses indivíduos trocam o tepe alveolar [r] pela vibrante múltipla [r̃]: Ex: “*Que querredinha que ela é*” (FROSI; RASO, 2011, p. 333).

Spessato (2003) afirma que a variação do tepe [r] e da vibrante múltipla [r̃] no PB falado pelos ítalo-brasileiros se deve ao fato de o sistema fonológico dos dialetos vênéticos, do norte da Itália, de onde veio a maioria dos imigrantes italianos para o Brasil, no século XIX, não apresentar diferenciação, pois desconhecem o r-forte. A não distintividade quanto à realização da vibrante por ítalo-brasileiros repete-se, também, na fala dos teuto-brasileiros (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 229; KRUG, 2004).

Monaretto (2009) apresenta estudos da vibrante com base no ALERS e no VARSUL, em municípios pertencentes à região Sul do Brasil. Os dados do ALERS destacam a utilização predominante de vibrante múltipla [r̃] no ataque e tepe [r] na coda. No estado do Paraná percebeu-se a realização da retroflexa em coda. Por outro lado, a pesquisa do VARSUL aponta a presença de vibrantes e fricativas, tanto em posição de ataque como em coda, como marcas típicas da variedade do PB falado na região Sul do Brasil.

Pimentel (2003) observou a realização da fricativa velar em Porto Alegre, e ao levar-se em conta os dados do VARSUL, parece estar havendo uma concorrência entre vibrante e fricativa, e a tendência é que haverá substituição pela fricativa nos contextos de r-forte (CALLOU; LEITE, 1994). Esta informação corrobora os estudos de Langaro (2005), pois se verifica uma mudança de lugar e modo de articulação do fonema /r/, que se dissemina a partir das grandes cidades e, aos poucos, vem adentrando o interior. Tal fenômeno pode estar relacionado ao prestígio que a fricativa vem recebendo em detrimento da vibrante (CALLOU; LEITE, 1994; LANGARO, 2005).

Abaurre e Sandalo (2003) destacam que o r-forte na realização fricativa é predominantemente glotal ([ɦ] ~ [h]), e que a mudança de vibrante para fricativa deu-se através da debucalização. No entanto, conforme os estudos de Monaretto (2009), Spessato (2003) e Margotti (2004), o fenômeno da fricativa é comum em cidades mais urbanizadas, sendo que a realização das vibrantes nos contextos de r-forte ainda faz parte de cidades do sul do Brasil devido, principalmente, à influência da colonização italiana.

No que se refere aos contextos de coda silábica, Mateus e Rodrigues (2003) destacam que a articulação apical ([r̃] ~ [r]) é comum no português europeu e no PB dos estados da região Sul e em algumas variedades de São Paulo (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996). Segundo Rennie (2016, p. 75), em outras regiões do Brasil, a vibrante em coda sofreu um processo de lenição (ou redução) articulatória, que ocorre por diminuição do gesto articulatório ou por realinhamento temporal, através da posteriorização e fricativização da mesma forma que ocorreu com o r-forte ([ʁ χ ʁ x ɦ h]); e aproximantização ([ɹ ɹ̃] etc.).

A posteriorização e fricativização da vibrante em coda se estende do Rio de Janeiro e do centro de Minas Gerais até os estados do Nordeste e do Norte; já a aproximantização envolve o sul e oeste de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, e os estados da região Sul do Brasil (CALLOU; LEITE, 1994). O r-fraco (intervocálico e em encontros consonantais) é principalmente uma articulação apical;

sendo a coda o único ambiente onde todas as variantes podem ocorrer (RENNICKE, 2016, p. 90).

A realização da vibrante alveolar múltipla [r̃] está adentrando um processo de diminuição pelo emprego da fricativa em seu lugar (ABAURRE; SANDALO, 2003). O processo tende a estar ligado ao prestígio social das fricativas em detrimento das vibrantes, tendo em vista que a variação linguística é um fenômeno inerente à fala natural. No entanto,

falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são produzidas [...] não há variante melhor ou pior de uma língua, há variantes de prestígio, estigmatizadas ou neutras (SILVA, 2012, p. 12-13).

De acordo com os estudos que avaliam a distribuição da vibrante no PB, é possível constatar que nas cidades mais conservadoras da região Sul, e em algumas variedades do PB de São Paulo, mantém-se o uso da vibrante. Por outro lado, nas regiões mais urbanizadas, constata-se grande disseminação da fricativa, valendo-se de que em determinados contextos ocorreu substituição completa da vibrante. O fato se deve, provavelmente, pela fricativa ser uma pronúncia mais valorada socialmente (CALLOU ; LEITE, 1994, LANGARO, 2005). As variantes consideradas de prestígio estão geralmente relacionadas ao *status* social e à prescrição normativa, contribuindo, de certa forma, para homogeneizar as diferenciações linguísticas regionais.

Nas últimas décadas, segundo Langaro (2005), é perceptível na mídia, tanto no cinema como também através da programação dos canais televisivos e de internet, o privilégio que vem sendo atribuído à pronúncia fricativa em detrimento das vibrantes. O fato de a fricativa ser uma pronúncia considerada mais urbana e padronizada pela mídia poderia estar contribuindo, mesmo que em ritmo lento, para uma mudança de vibrante para fricativa até mesmo em contextos menos urbanos (CALLOU; LEITE, 1994).

O *status* fonológico da vibrante no PB não é um ponto pacífico entre os linguistas, pois os modelos que tentam explicar determinadas ocorrências são mais eficientes em alguns casos do que em outros, deixando lacunas que suscitam novas hipóteses. As discussões feitas neste estudo contribuem para avançar nas pesquisas sobre a subjacência da vibrante no PB e em particular na defesa da vibrante múltipla [r̃]. Espera-se, com isso, que se possa compreender de forma mais profunda a variação desse fonema e a gama de variantes existentes, que se manifestam nas diferenças individuais e de cada comunidade, no intuito de valorizar ainda mais a heterogeneidade linguística.

3 Conclusão

O problema da vibrante tem motivado muitos estudiosos a pesquisar e dissertar sobre o fenômeno. O *status* fonológico é formado por um ou dois fonemas? Frente a uma gama de realizações que incluem aspectos linguísticos e extralinguísticos, a tarefa demanda muito estudo. Importantes trabalhos realizados por Abaurre e Sandalo (2003), Câmara Jr. (1953, 1984), Lopez (1979) e Monaretto (1997) apresentam hipóteses sobre a subjacência da vibrante no PB e, dessa forma, explicam como resolver o problema do contraste intervocálico.

Com respaldo da teoria de traços, defende-se a vibrante múltipla [r̃] como forma subjacente, valendo-se de que, segundo Abaurre e Sandalo (2003), existe uma sequência de dois erres somente na estrutura de subjacência, mas ela não se superficializa para obedecer ao OCP. Os dois erres sofrem degeminação e passam a se comportar como um único som que dá lugar ao r-forte. A vibrante múltipla [r̃] ocupa a posição de ataque na sílaba, tanto no interior quanto no início de palavra, e também em coda silábica. A diferença entre o fenômeno da perda de traços da vibrante, que ocorre entre vogais (caro), e o fenômeno que acontece no ataque ramificado (carro), é que no primeiro caso ocorre a perda do traço de continuidade por um processo de enfraquecimento do fonema e aumento de sonoridade; enquanto que na segunda situação, o traço subjacente se mantém, podendo ser recuperado em situação de ênfase (ABAURRE; SANDALO, 2003. p.172).

Na sociolinguística e na dialetologia, as pesquisas têm mostrado as tendências regionais que confirmam que a vibrante múltipla [r̃] vem passando por um processo histórico de mudança de articulação anterior para posterior, em que a vibrante apical vem sendo substituída pela vibrante posterior, “que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea”, segundo Câmara Jr. (1984, p. 16).

O aumento do uso dos alofones fricativos [x, h] em detrimento das vibrantes não anula a hipótese de a vibrante múltipla [r̃] ser a estrutura subjacente do PB. A constatação se respalda no fato de que a vibrante múltipla [r̃] pode ser substituída pela fricativa em contextos de r-forte, inclusive em coda silábica, valendo-se de que a fricativa não ocorre em encontros consonantais, pois o tepe [r] já é um alofone enfraquecido da vibrante múltipla [r̃] (ABAURRE; SANDALO, 2003).

Ao se levar em consideração as variedades do PB faladas por ítalo-brasileiros, constata-se que a realização da vibrante múltipla [r̃] pode ocorrer até mesmo em contextos intervocálicos (morar) e em grupo consonantal (prato) em que há tendência de se realizar um tepe [r] (FROSI; RASO, 2011). Esse fenômeno tende a ser motivado por situações enfáticas entre os falantes (FROSI; RASO, 2011; SPESSATO, 2003). O fato fortalece a hipótese de a vibrante múltipla [r̃] ser o fonema que deriva todos os demais alofones da vibrante, já que a forma subjacente pode ser recuperada, conforme os contextos de fala e falantes envolvidos.

REFERÊNCIAS

A MARAVILHOSA aventura humana na face da terra. *Fonética versus fonologia*. Atualizado em 21 mar. 2012. Disponível em: <https://baronesilva.blogspot.com/2012/03/fonetica-versus-fonologia.html>. Acesso em: 10 set. 2019.

ABAURRE, Maria Bernardete Marques; SANDALO, Maria Filomena Spatti. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (org.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 2, n. 1, p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-316.

BATTISTI, Elisa; MARTINS, Luísa Bitencourt. Realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 42, p. 146-158, jun. 2011.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Gramática do português culto falado no Brasil: volume VII: a construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21-52.

BONET, Eulália. MASCARÓ, Joan. On the representation of contrasting rhotics. In: MARTINEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (org.). *Issues in the phonology and morphology of the major iberian languages*. Washington: Georgetown University Press, 1997. p. 26-103.

CALLOU, Dinah. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 39-64.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore Villaça (org.). *Gramática do português falado*, v. 6. Campinas: Unicamp, 1996. p. 465-493.

_____. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira. de; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Gramática do português culto falado no Brasil: volume VII: a construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: 15 ed. Petrópolis, 1985.

CLEMENTS, George Nick. The role of sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, John; BECKMAN, Mary (org.). *Papers in laboratory phonology*. Cambridge: CUP, 1990. p. 283-333.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5a. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil. Um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HARRIS, James. *Syllable Structure and stress in Spanish*. A non-linear analysis. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.

HAYES, Bruce. *Introductory Phonology*. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

KICKHÖFEL ALVES, Ubiratã. Teoria da sílaba. In: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-140.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano- português de Imigrante – RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of world's languages*. Cambridge: Blackwell, 2013.

LANGARO, Antonio Jerri. De vibrantes a fricativos: os róticos na dublagem brasileira. *Revista Trama*, v. 1, n. 2, p. 109-123, jul./dez. 2005.

LOPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Los Angeles, Califórnia (EUA), 1979.

MALMBERG, Bertil. *A fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval*. 1a. ed. São Paulo: UNESP Digital, 2015.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

MATEUS, Maria Helena Mira; D'ANDRADE, Ernesto. *The Phonology of Portuguese*. Cambridge: Oxford University Press, 2002.

MATEUS, Maria Helena Mira; RODRIGUES, Maria Celeste. A vibrante em coda no português. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (org.). *Teoria Linguística*:

Fonologia e outros temas. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003. p. 181-199.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *Um reestudo da vibrante: Análise variacionista e fonológica*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Escola de Humanidades, PUCRS, Porto Alegre, RS, 1997.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

_____. Descrição da vibrante no Sul do Brasil. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela *Português do Sul do Brasil. Variação fonológica* (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p.141-151.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Dermeval da. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5a. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

PIMENTEL, Rosane Mossmann. *A variação linguística do fonema/r/ na posição pós-vocálica em falantes da cidade de Porto Alegre*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Humanidades, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2003.

RENNICKE, Iiris. Representação fonológica dos róticos do Português brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, jan./jun. 2016.

SAID ALI, Manoel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3a. ed. Brasília: Editora UNB, 1964.

SEQUEIRA, F. J. M. *Aspectos do português arcaico*. Lisboa: Tip. União Gráfica, 1943.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Fonética e Fonologia do Português*. 10a. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SPESSATO, Marizete Bertolanza. *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos. 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8a. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VIOLA, Izabel Cristina. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. *Revista Intercâmbio*, v. 15. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.